

## OS COMPOSITORES

09/11/1997

Manuscrito Consuelo Lelis

Interrompemos a continuidade dos compositores românticos domingo passado para uma justa homenagem ao dia dos defuntos.

Retomamos hoje o nosso convívio com Liszt.

Como dissemos 15 dias atrás, Liszt mesmo nas composições para piano, preocupou-se sobremaneira com o problema fundamental da unidade na variedade, um problema aliás que já havia preocupado Beethoven e mais ainda Schumann. Nas grandes obras pianísticas isso é evidente, sendo que de todas elas a mais importante é a sonata.

Não é fácil sustentar o mesmo nível de criatividade ao longo de quatro movimentos; e na verdade até em Beethoven frequentemente o último movimento é menos interessante do que os outros.

Foi esta a razão, creio, pela qual Schubert deixou inacabada a sua sinfonia em si menor.

Esse problema pode ser resolvido de várias maneiras: ou procurando um parentesco musical e estético entre os vários temas principalmente em seu fundamento rítmico, e foi esse o caminho de Beethoven; ou fazendo que temas de um movimento retornem num outro à maneira de um flash-back ao qual nos acostumou hoje o cinema e eventualmente procurando uma semelhança de estrutura entre os vários temas, e esse foi o caminho de Schumann, com a ressalva porém de que os temas de Schumann eram sempre melodias líricas e portanto pouco adaptáveis a mudanças; ou chegando, como faz genialmente Cesar Franck (a conclusão da forma cíclica), isto é, fazendo com que todos os temas nasçam de uma mesma célula; ou finalmente, à maneira de Liszt, criando temas plasticamente tão amoldáveis que com poucas modificações possam assumir uma personalidade estética completamente diferente.

O que Liszt consegue na grande sonata em si menor é um milagre de sabedoria estrutural comparável ao milagre mozartiano do último movimento da Sinfonia Júpiter, na qual se funde a forma sonata com a fuga.

A sonata de Liszt é como um grande primeiro tempo de sonata com sua exposição e sua reexposição final, sendo que o desenvolvimento se apresenta com o caráter de dois tempos intermediários, um andante expressivo e o scherzo. É obvio portanto que os temas são sempre os mesmos em diferentes travestimentos, e que toda a sonata se segue sem solução de continuidade.

Mas o fato fundamental é que a sonata é bonita: se assim não fosse não teria valor estético o milagre da estrutura, como não teria valor estético o cânone perpétuo, de difícilíssima realização artesanal entre o violino e o piano no último movimento da sonata de Cesar Franck, se não se tratasse de música de altíssimo nível e de profunda comunicação.

Vamos ouvir portanto a sonata em si menor de Franz Liszt, a única que ele escreveu, na interpretação do pianista Jean-Phillippe Collard.

Observem a misteriosa valorização dos silêncios na introdução, a patética intensidade do andante, a vitalidade contrapontística do fugato que constitui o scherzo e a força da reexposição acabando quase numa suspensão do tema nos ares.

Música - Sonata para piano em si menor,

Outro aspecto de Liszt é o compositor de peças orquestrais. Nesse terreno Liszt tem uma grande importância histórica, porque a ele, muito mais do que a Berlioz, se deve a concepção do Poema Sinfônico e a realização de suas estruturas. O poema sinfônico, por assim dizer, o gênero mais ilustre e mais complexo da música programática.

Teoricamente uma tal concepção pode parecer estranha, e estranha a renúncia da música à sua melhor qualidade, que é a autonomia e a independência de tudo o que seja representação de algo.

De fato muitos poemas sinfônicos de segundo plano caem no defeito da banalidade e da impotência; mas na verdade isto não acontece com os poemas sinfônicos dos grandes compositores, desde Berlioz e Liszt, até Strauss, Ravel e Respighi.

Na verdade o que eles escrevem é música de alta qualidade que pode prescindir do programa que a sugeriu e ser assimilada nas formas em que se deposita, de sonata, de scherzo ou de rondó.

Note-se que o poema sinfônico surgiu com Berlioz e Liszt justamente em Paris, a cidade então de mais rica cultura na Europa, onde musicistas, literatos e pintores, pela primeira vez na história convivem fraternalmente, trocando necessariamente informações e emoções das respectivas artes.

Se pense nos Salões acolhedores de Rossini, que lá vive, os quais reúnem Paganini, Chopin, Berlioz, Liszt, Lamartine, Victor Hugo, Delacroix, Fragonard e tantos outros.

Que pena não vivermos naquele tempo e não sermos amigos de Rossini.

Pouco mais tarde, e sempre em Paris, a pintura influirá sobremaneira sobre o Impressionismo musical de Debussy.

Voltando aos poemas sinfônicos de Liszt, vamos ouvir "Les Preludes", na interpretação da

London Festival Orchestra.

Esse poema sinfônico se inspira no fragmento das "Meditações Poéticas Religiosas" do grande poeta francês Lamartine, e diz:

"A nossa vida não é nada mais do que um prelúdio àquele canto do qual a morte entoa as primeiras e solenes notas.

O amor forma a aurora encantada de toda existência. Mas qual o destino em que os primeiros embevecimentos da felicidade não sejam interrompidos por alguma tempestade cujo sopro mortal afugenta as belas ilusões, cujo raio fatal destrói o seu próprio altar? E qual a alma cruelmente ferida a qual, saindo de uma dessas tempestades não procure descansar as suas lembranças na calma tão doce da vida dos campos?

O homem porém não se adapta a gastar longamente a benfazeja serenidade que no início o fascinara no seio da natureza, e quando o clarim deixa ouvir os seus toques de prontidão, corre para o lugar do perigo, seja qual for a guerra que o chama em suas fileiras, a fim de reencontrar no combate a plena consciência de si mesmo e a inteira posse de suas energias".

Música; Les Préludes. London Festival Orchestra, regência Alfred Scholz.

Falando-se das composições orquestrais, abordamos uma outra faceta de Liszt, isto é, a do regente.

Ainda relativamente novo Liszt abandonou quase completamente a carreira de pianista que lhe dava rios de dinheiro para se tornar regente de orquestra em Weimar e poder estreitar as melhores obras de seus contemporâneos, desde Wagner, de quem montou e regeu várias óperas, até Cesar Franck que ajudou também com dinheiro.

Reconhecendo o gênio de Wagner, passou por cima da personalidade duvidosa daquele gênio e aceitando o afastamento da filha Cosima de Hans von Büllow e o seu casamento com Wagner.

Em Weimar Liszt foi um verdadeiro mestre da regência, cuja técnica moderna se deve a ele, Berlioz e Wagner. Esses últimos nos deixaram importantes tratados sobre o assunto da regência orquestral.

Liszt infelizmente não escreveu nenhum trabalho a esse respeito; há porém uma carta dele que tem quase valor de um capítulo de tratado e que todos os jovens regentes deveriam conhecer porque ainda plenamente atual.

É a resposta a certos críticos que o haviam taxado de falta de sensibilidade porque não fazia ballet diante da orquestra, não desgrenhava o cabelo, isto é, não trabalhava para o público.

Na carta ele diz que ideal seria que o regente nem fosse visto para não distrair da pura recepção da obra; condena a gestualidade exagerada e inútil e termina com uma frase lapidar "Nós somos timoneiros, não remadores".

Ainda em tema de poema sinfônico vamos ouvir o poema intitulado, em italiano, Trionfo e Lamento del Tasso. O poema se inspira num homônimo drama de Goethe sobre a triste vida do grande poeta italiano renascentista Torquato Tasso que, da glória do triunfo musical cai talvez por proibidos amores com a irmã do seu senhor, o Duque d'Este, na prisão e finalmente no manicômio.

Música. London Festival Orchestra, Alfred Scholz.

Uma última faceta é a do Liszt transcritor. A transcrição ´por si poderia parecer, assim como a tradução poética, uma traição ao espírito do original.

Mas como poderia eu conhecer uma poesia chinesa sem a intervenção de um tradutor? É o que aconteceu no século passado, ainda desprovido das mídias modernas, e portanto sendo difícil a divulgação das obras.

Muitos musicistas dedicaram-se portanto a essa nobre tarefa de transcrever para o piano, instrumento de quase todas as casas, obras instrumentais, vocais e até trechos de ópera.

Foi uma nobre atividade de divulgação com um conteúdo social importantíssimo e muitas vezes acontece que a transcrição, assim como a tradução, se torna uma nova obra de arte.

Nesse terreno Liszt foi de longe o mais importante e criativo, como o será pouco mais tarde Busoni transcrevendo para o piano grandes obras organísticas de Bach.

Na verdade as primeiras transcrições de Bach se devem a Liszt, o Prelúdio e Fuga em sol menor, o Prelúdio Coral Weinen Klagen Sorgen, Sagen; um lugar especial merecem as transcrições para o piano dos Caprichos de Paganini para o violino.

Vamos ouvir o Capricho em mi bemol maior na interpretação do pianista Franco Trabucco, aluno de Vincenzo Vitale.

Música.

Ainda Paganini: La Campanella e La Caccia. na interpretação da aluna de Vincenzo Vitale Maria Mosca.

Música.

Quanto às óperas Liszt transcreveu para o piano muitos trechos famosos principalmente de Verdi e Wagner.

Vamos ouvir a transcrição do Sexteto da Lucia di Lammermoor de Donizetti na interpretação de Alfred Brendel

Música.

Vamos então nos despedir de Liszt com a esplêndida transcrição da Morte de Isolda da ópera Tristão e Isolda de Wagner.

Boa noite.

Música- Tristão e Isolda, Alfred Brendel.